



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 8, v. 1 nov.2017.-abr. 2018

p. 325-340.

# Masculinidade e heteronormatividade: temas-desafio nas instituições educacionais

Ana Paula Tatagiba<sup>1</sup>

**RESUMO:** O ingresso masculino nas creches públicas da cidade do Rio de Janeiro não passou despercebido: conversas informais e reuniões com os pais subsidiaram a decisão das mulheres, ocupantes dos cargos de direção, de introduzirem alterações no cotidiano, afastando, por exemplo, os homens de atividades referente ao cuidado com o corpo das crianças. Essa ocorrência foi uma das inspirações de pesquisa cujo objetivo geral é compreender as bases que alicerçam a ordem sexo/gênero, analisando os empecilhos à sua superação. O(s) processo(s) histórico(s) de instituição das relações de gênero, com destaque para a constituição da masculinidade, é o objeto de estudo privilegiado no alcance deste trabalho. As análises elaboradas possibilitaram concluir que a resistência à ousadia desses homens que passaram a desenvolver atividades que socialmente são reconhecidas como "femininas", entre outros aspectos, denota uma contraditória defesa da heteronormatividade.

**PALAVRAS-CHAVE:** masculinidade; heteronormatividade; educação; infância.

**Abstract:** The admission of male workers in public daycares of the city of Rio de Janeiro has not gone unnoticed: informal talks and meetings with parents supported the decision of female managers to introduce changes in daily life, for example, removing male workers from activities related to the children's body care. That fact inspired this work, which general objective is to understand the foundations underpinning the order sex/gender and to analyze the difficulties to overcome them. The historical process(es) of institutional gender relation, with emphasis on masculinity building processes, is the privileged object of this study. From the developed analyzes it is possible to conclude that the resistance to these "daring" men who accepted activities that are socially recognized as "feminine", among other things, indicate a contradictory defense of heteronormativity.

**Keywords:** masculinity; heteronormativity; education; childhood.

**Resumén:** La admisión masculina en las guarderías públicas de la ciudad de Rio de Janeiro no pasó desapercibida: conversaciones informales y reuniones con las familias sirvieron de base para la decisión de las mujeres, ocupantes de la posición de dirección, de introducirse cambios en la vida cotidiana, alejando, por ejemplo, los hombres de las actividades relacionadas con el cuidado del cuerpo de los niños. Este acontecimiento fue una de las inspiraciones de investigación cuyo objetivo general es entender las bases que sostienen el orden sexo-género, analizando los obstáculos para su superación. El proceso histórico de la institución de las relaciones de género, con énfasis en la constitución de la masculinidad, es el objeto de estudio privilegiado aquí. El análisis permitió concluir que la resistencia a la osadía de estos hombres que empezaron a desarrollar actividades que son reconocidas socialmente como femeninas, entre otras cosas, denota una defensa contradictoria de la heteronormatividad.

**Palabras clave:** masculinidad; heteronormatividad; educación; infancia.

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pedagoga, assistente social, mestre em Política Social e doutora em Serviço Social. Membro do Grupo de Pesquisa "Famílias, Violência e Políticas Públicas". E-mail: atatagibab@gmail.com

Recebido em 22/06/16

Aceito em 05/06/17

## 1. Contextualização temática

Há oito anos, quando a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro iniciou a lotação das primeiras pessoas aprovadas no concurso público para o recém-criado cargo de agente auxiliar de creche (doravante AAC) nas creches, estabeleceu-se uma celeuma: profissionais e famílias das crianças atendidas nessas instituições mobilizaram-se para questionar como seria feita a inserção dos homens neste cotidiano institucional. Por desconhecimento ou desatenção, demonstravam descontentamento com o fato de o edital não ter especificado que as tarefas inerentes a esse cargo seriam ‘apenas para as mulheres’.

Oficialmente, cabe às/aos ocupantes do cargo de AACs, entre outras, as seguintes atribuições:

- participar em conjunto com o educador do planejamento, execução e da avaliação das atividades propostas às crianças;
- participar da execução das rotinas diárias, de acordo com a orientação técnica do educador;
- receber e acatar criteriosamente a orientação e as recomendações do educador no trato e atendimento à clientela;
- disponibilizar e preparar os materiais pedagógicos [...]
- responsabilizar-se pela alimentação direta das crianças;
- cuidar da higiene e do asseio das crianças (RIO DE JANEIRO, 2005).

Diante do cenário de debates e disputas que se estabeleceu, realizou-se uma pesquisa qualitativa, no âmbito dos estudos para o doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, com o objetivo de compreender as bases que alicerçam a ordem sexo/gênero, analisando os empecilhos à sua superação. Durante o ano de 2011 e 2012 foram realizadas visitas a vinte e duas creches de diferentes Coordenadorias Regionais de Educação do Rio de Janeiro e dezenove pessoas foram entrevistadas (entre AACs, professoras, diretoras e representantes das associações de moradores do entorno escolar).

Em 2015, havia 6.140 agentes auxiliares de creche lotados nas 501 instituições de educação infantil geridas pela Secretaria Municipal de Educação<sup>1</sup>. O estudo em tela possibilitou dar visibilidade a questões relativas ao gênero e à sexualidade, carecedores de debate nessas instituições educacionais .

---

<sup>1</sup> Fazem parte do sistema municipal de ensino: 247 creches, 201 Espaços de Desenvolvimento Infantil e 56 unidades escolares que atendem a crianças de 3 meses a 5 anos e 11 meses.; 51. 249 bebês e crianças dessa faixa etária são atendidas. Para a pesquisa de outros dados, consultar: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/sme/educacao-em-numeros>>.



## 2. 'Não estar no lugar certo': um problema a equacionar

É importante contextualizar que nove entrevistas, que foram gravadas nas dependências das creches visitadas, fazem parte do *corpus* em análise. Na maioria das vezes, utilizou-se o horário de repouso das crianças ou um momento em que o/a entrevistado/a pudesse ser substituído por outro/a profissional. Sete entrevistas foram realizadas individualmente. Em uma ocasião, os educadores solicitaram a realização da entrevista em dupla, o que foi prontamente aceito. O tempo de duração das entrevistas variou entre 18 e 47 minutos.

As análises foram realizadas tendo como alicerce a obra de Michel Foucault. Em relação a esse trabalho, o autor esclarece:

O que me interessa, no problema do discurso, é o fato de que alguém disse alguma coisa em um dado momento. Não é o sentido que eu busco evidenciar, mas a função que se pode atribuir uma vez que essa coisa foi dita naquele momento. Isso é o que eu chamo de acontecimento. Para mim, trata-se de considerar o discurso como uma série de acontecimentos, de estabelecer e descrever as relações que esses acontecimentos – que podemos chamar de acontecimentos discursivos – mantêm com outros acontecimentos que pertencem ao sistema econômico, ou ao campo político, ou às instituições. Considerando sob esse ângulo, o discurso não é nada além de um acontecimento como os outros, mesmo se, é claro, os acontecimentos discursivos têm, em relação aos outros acontecimentos, sua função específica (FOUCAULT, 2010, p. 255-256).

Inicialmente, o relato abaixo permite antever o contexto geral em que se deu a chegada dos AACs nas instituições de educação infantil:

### Relato 1

Aí, vários pais, vários pais, não, várias mães e avós reclamando. Eles apresentaram os vários auxiliares na reunião, as meninas que tinham entrado na segunda chamada. E mãe levantando: 'Mas vai ser ele que vai dar banho? Não pode ser, não é possível... Homem na creche'. Aí várias pessoas se levantaram e se posicionaram a favor. Teve um pai que se posicionou: 'Minha filha era de outra creche, tinha um rapaz também, que trabalhava direito'. Teve outras pessoas que levantaram também e falaram a favor, mas... Eu fiquei assim: 'Caramba, o que eu tô fazendo aqui?' (Relato de Gael)

Quando Michel Foucault confessa que “gostaria que [o discurso] fosse ao meu redor como uma transparência calma, profunda, indefinidamente aberta, [...] de onde as verdades se elevassem, uma a uma” (FOUCAULT, 2010a, p. 7), faz o convite para que não se busque nenhum sentido alhures, captando tão somente aquilo que é dito, independentemente do tipo de materialidade através do qual o discurso ganhará existência. Os relatos abaixo são bastante contundentes na verbalização do que parece estar em jogo, quando os homens são mal recebidos por algumas pessoas:

### Relato 2

Muita coisa mudou hoje, mas a gente sabe, muitas famílias, tem aquela coisa. Pode ser que eu esteja errado, mas as famílias na minha classe social, menos favorecida, tem essa coisa,



'mulher faz isso', 'homem faz aquilo'; 'A mulher lava, cozinha e passa'; 'O homem é o provedor da casa e sai para trabalhar'. (Relato de Bento)

### Relato 3

P: Não houve nenhum pedido [para que ela desse o banho sozinha], mas se tivesse você entenderia? Porque algumas meninas se queixam, porque ficam sobrecarregadas...

E: Eu entenderia. Eu entenderia porque, pelas pessoas... Elas não estão aqui dentro. Elas não sabem o quê está acontecendo. E a gente vê todo dia na televisão, muita coisa acontecer. As pessoas são muito ruins. O homem tem instinto muito animal, né? Então, assim, pela cabeça delas, para deixar elas tranquilas em deixar as crianças nesse ambiente, eu não me importaria. Como eu dava antes... Eu dava o banho em todos eles, assim... Mais para tranquilidade das mães e para não rolar nenhum problema com o Leo, às vezes... Eu não teria nenhum problema com isso, não. (Relato de Maria)

As esferas separadas por gênero e a 'animalidade' masculina, quando o assunto é a sexualidade, estão presentes nessas formulações discursivas. Ainda que Foucault analise e exemplifique que

(...) quando se descreve a formação dos objetos de um discurso, tenta-se identificar os relacionamentos que caracterizam uma prática discursiva e não se determina uma organização léxica nem as escansões de um campo semântico: não se questiona o sentido dado, em sua época, às palavras "melancolia" ou "loucura sem delírio" (FOUCAULT, 2010, p. 54).

Não se pode deixar de observar que a analogia com o 'animal', presente no terceiro relato, remete à uma irracionalidade que afasta o 'ser masculino', por um momento, da razão, da capacidade de discernimento, que, em tese, e ainda que com algumas ressalvas, caracteriza o 'humano'.

Pesquisa realizada no ano de 2000, sob a coordenação de Tania Salem, envolvendo cento e vinte e três pessoas entrevistadas, entre elas quarenta e um homens, com idade entre 18 e 24 anos, das classes média e baixa, possibilitou que pontos de vista muito significativos viessem à tona, corroborando as análises aqui elaboradas. Tais pontos de vista referem-se à concepção de relacionamento afetivo-sexual e permitem dimensionar como se espera que os homens ajam:

As mulheres têm menos necessidade [de relações sexuais]. Por exemplo, a mulher não vai querer transar com o homem por três dias a fio e o homem já vai querer. Se dependesse de mim, era de cinco em cinco minutos. [...]. O homem tem mais necessidade porque *a carne do homem é mais fraca* (SALEM, 2004, p. 18, grifo da autora).

Vale ressaltar também que, contemporizando, as diretoras também 'assumem o seu lugar', difundindo argumentos que justificam a chegada dos AACs na instituição:

### Relato 4

Quando eu cheguei aqui, a dona Junia achou por bem, assim, para não me expor ou, não que ela não achasse normal, ela desde que eu entrei aqui ela foi muito clara: "Você vai fazer tudo, você pode fazer tudo". [...] Então, ela, quando tinha uma mãe que ia ficar desconfortável, em saber que o filho ou a filha ia ficar com um homem, ela [...] dava uma quebrada na mãe. Então, ela sempre foi muito do meu lado, apostando em mim... Mas no



primeiro ano, para não me expor muito... Porque criou um certo desconforto na comunidade, algumas mães e tal, ela pediu para que eu não desse banho (Relato de Bento).

Um dos pilares importantes para a análise, baseada em Foucault, é assim salientada pelo autor:

uma tarefa diferente, que consiste em não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse "mais" que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (FOUCAULT, 2010, p. 55).

Na tentativa de aproximação com essa proposta, observa-se que a persistente alusão ao 'ser feminino' em alguns relatos está articulada às relações de poder. No contexto das vinte e duas creches visitadas, quem 'aplica a lei' são as mulheres que ocupam o cargo de direção: são mulheres, professoras do quadro efetivo da Prefeitura que, diante da polêmica inserção dos homens, são destacadas por atuar como espécies de fiadoras da boa índole desses, gerando uma proximidade que garante uma inserção mais fácil nas creches.

Igualmente, ao estudar a ocorrência do suplício ('físico' – definido como “ação imediata e direta do carrasco sobre o corpo do 'paciente'”), Foucault esclarece que o “executor não é simplesmente aquele que aplica a lei, mas o que exhibe a força” (FOUCAULT, 2011, p. 51). Ao 'aplicarem a [sua] lei', as diretoras costumam lembrar também que, em virtude de direitos constitucionais que asseguram a igualdade entre homens e mulheres, nada pode ser feito para que um homem, que foi legitimamente aprovado em um concurso público, não exerça as tarefas do seu cargo. Tais aspectos compõem a tentativa que, por vezes, têm de fazer com que outros discursos circulem. Assim, eles têm o direito de ali estarem, se não por “gosto” delas, pela força da lei.

Michel Foucault assevera que “o suspeito, enquanto tal, merecia sempre um certo castigo; não se podia ser inocentemente objeto de suspeita” (FOUCAULT, 2011, p. 43). O relato de Gael reforça isso:

#### **Relato 5**

Aí, eles foram se acalmando mais. Mas mesmo assim durante as outras semanas, era assim: eu era uma novidade. Eu ficava com a sala aberta, as pessoas vinham, ficavam olhando. Aí apontava... Tinha mãe que chegava, lá fora, ficava se juntando, se mobilizando com outras pra reclamar...Até que a direção ajudou, falava com elas que não, que a gente ia continuar trabalhando, que a gente fez concurso público. Então, aí com o tempo foi acalmando. Até hoje... Mas hoje é mais oculto a questão do preconceito, eles não demonstram tanto. Mas às vezes em algumas situações a gente acaba vendo que ainda tem. (Relato de Gael)



Resignação e ressignificação do dito, por vezes, parecem corroborar com a análise de Foucault de que “é sempre possível dizer o verdadeiro no espaço de uma exterioridade selvagem; mas não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo às regras de uma ‘polícia’ discursiva que devemos ativar em cada um de nossos discursos” (FOUCAULT, 2010, p. 35).

Dessa forma, Maria do Rosário Gregolin pontua que “Foucault procura retirar do campo das ciências humanas as certezas já estabelecidas”, fazendo luz sobre o discurso “*no nível das coisas ditas*” efetivamente (GREGOLIN, 2007, p. 92): sua pretensão é estudar “os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras”, não “pensamentos, representações, imagens”.

Em se deixando a preocupação pelo 'não-dito', a “lógica do inconsciente deve, então, ser substituída por uma lógica da estratégia” (POL-DROIT, 2006, p. 52). De forma que “encontrar este discurso explícito implica, evidentemente, abandonar o material universitário e escolar dos ‘grandes textos’. Deve haver assim uma preocupação em privilegiar as “táticas com seus dispositivos” – explica Foucault (POL-DROIT, 2006, p. 52). Tática como o exemplo citado por Gael: manter-se visível, a fim de 'sobreviver' em um território minado.

### 3. O padrão heteronormativo: uma superação necessária

De fato, as reflexões oportunizam a apreensão do quanto a heteronormatividade, bem mais do que se referir ao desejo e às práticas sexuais, remetendo-se à heterossexualidade, compõe-se de prescrições para as pessoas em todos os aspectos do viver em sociedade. O sistema heteronormativo presta-se a determinar posturas adequadas aos seres humanos em diferentes esferas do viver: na família, nas escolhas profissionais, na forma de sentar, falar, reivindicar, debater, demonstrar afeto, entre tantas outras existentes.

Eivado de contradição – porque as mulheres que hoje labutam no campo educacional como trabalhadoras assalariadas muito se mobilizaram e lutaram para poder ter acesso à educação e ao mercado produtivo – é esse discurso heteronormativo que, ao que tudo indica, está sendo defendido quando se criam empecilhos à atuação masculina na educação da infância.

A leitura dos relatos evidencia a defesa dos ‘lugares de cada um’, de acordo com o que ‘o corpo diz’ sobre o que cada um é: homem ou mulher, somente. E ainda que a temática da orientação sexual não tenha sido abertamente debatida nas entrevistas realizadas, na defesa da heteronormatividade – através de posturas conservadoras de uma dada ordem do sistema sexo-



gênero – essas mulheres atuam como ‘guardas nas fronteiras’ para que tudo fique em seu lugar, porque, ao que parece, deve ficar bem clarificado que ‘mulher faz isso’, ‘homem faz aquilo’. Além de se poder ser ‘homem’ ou ‘mulher’, nada mais é comentado.

Considerando que o quantitativo de homens que chegam às instituições de educação infantil é, ainda, pouco significativo - além da luta pela manutenção das relações de poder estabelecidas nesse território, em que as mulheres sabem como ninguém o que fazer e, definitivamente, têm liderança -, parece que estamos também diante de uma precaução homofóbica silenciosa. Isso pelo terror que parece instalar-se no território-creche, como se pairasse o pensamento de que ‘se não delimitarmos bem o que é de cada sexo, onde vamos parar?’.

O relato de um educador, durante uma conversa informal com a pesquisadora, reitera a extensão da repercussão do ingresso dos homens no quadro funcional da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro para desempenhar tarefas para as quais se tem como ‘certa’ a atuação de uma mulher. Segundo o AAC, todos brincavam no pátio da instituição quando um homem, aos berros, aproximou-se do portão:

‘Ele estava armado e falava: - Rapá, o quê que tu tá fazendo aí? Tu não é homem, não? Fazendo trabalho de mulher, cara!’

As indagações raivosas e intimidadoras, vindas de um ‘macho’, portando uma arma de fogo, ao bradar ‘Tu não é homem, não?’ apelam para o enquadramento desses trabalhadores como bem propõe o discurso heteronormativo.

Da mesma forma, Bento, um dos entrevistados, relatou ter ouvido de uma colega: ‘Celi chegou aqui e perguntou se você era gay, trabalhando com crianças...’. Dessa forma, é difícil furtar-se à reflexão a que Michel Foucault convida:

Notaria apenas que, em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política: como se o discurso [...] fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes (FOUCAULT, 2010a, p. 10).

Judith Butler é uma das autoras com as quais o diálogo se faz necessário na reflexão sobre essa nuance do tema em estudo. Ela inscreve o termo "matriz heterossexual" em seu *Problemas de gênero*, entendendo-o, a partir das leituras de Monique Wittig e Adrienne Rich, como “a grade de inteligibilidade cultural por meio da qual os corpos, gêneros e desejos são naturalizados” (BUTLER, 2008, p. 216).



Rich colabora, especificamente, com sua construção de ‘heterossexualidade compulsória’ referente à hierarquizante liderança discursiva e epistemológica dessa ‘inteligibilidade do gênero’ que impõe certa coerência: algo como ‘corpo - inserção natural - vivência sócio-sexual’ que pode ser exemplificada, *grosso modo*, como a equivalência, por encadeamento entre, ‘ter um pênis – ser macho – viver a masculinidade’ de um lado e, como uma outra opção, ‘ter nascido com vagina – ser fêmea – viver a feminilidade’ (BUTLER, 2008, p. 216).

Fabiola Rohden e Sérgio Carrara (2008, p. 18) referem-se ao investimento social que é feito para o estabelecimento de “categorias de identidade pessoal ligadas à orientação sexual”: “prática de relações sexuais com alguém que, naturalmente, tem a genitália diferente da minha” + casamento + geração de filhos(as), comentando que “normas sociais, nesse caso, a ‘heteronormatividade’, [são] espécies de roteiros, mapas que orientam as condutas e as percepções de si”.

No que tange à ‘não-heterossexualidade’, Karl Maria Kertbeny usou o termo ‘homossexual’ pela primeira vez em 06 de maio de 1868, em carta enviada à Karl Heinrich Ulrichs (ERIBON, 2008; BERUTTI, 2010). Um ano depois, o utilizou novamente em um documento reivindicando a isenção de sanção a quem praticasse “fornicação antinatural” (KATZ, 1997 *apud* BERUTTI, 2010, p. 20). Posteriormente, a Medicina, principalmente a partir da Psiquiatria, apropriou-se do termo, identificando a vivência sexual entre pessoas com a mesma constituição genital como ‘doença’.

Didier Eribon, optando pela abordagem da experiência de homens gays, enfatiza a filiação de suas reflexões ao *Gay and Lesbian Studies*, explora diferentes nuances dessa experiência, cujas características já saltam aos olhos quando o autor sumaria os principais tópicos que lhe interessa destrinchar: injúria, fuga, melancolia, interpelação, perturbações da ‘alma sujeitada’ são algumas das palavras que aparecem para referir-se a experiências que, ao longo da vida, devem ser de alguma forma sublimadas até serem superadas (se o são) pelos homens não-heterossexuais.

A vergonha, o ‘ser caricaturado’, a exposição ao ridículo e “ao comentário público, à fofoca, ao boato, à insinuação, à brincadeira”, em um contexto geral em que “zombam dele tão logo não está presente para ouvir” (ERIBON, 2008, p. 124; 181) (muito embora a zombaria possa ser ouvida por alguém também homossexual que se cala, mas sofre igualmente com a inferioridade da qual também poderia ser o alvo); assim como existir em “um mundo de injúrias no qual são xingados, real ou potencialmente, de ‘viado nojento’ ou de ‘sapatão’ e no qual [...] sempre serão, de uma maneira ou de outra, marginalizados ou ostracizados” (ERIBON, 2008, p. 147), são, mais uma vez, comprobatórios de que:





logo, a homossexualidade é proscrita das relações prescritas entre os homens. A masculinidade se constrói e se afirma publicamente *contra* a homossexualidade. O que engendra um potencial de violência sempre prestes a se liberar, sobretudo quando os homens estão em grupo (ver, por exemplo, as agressões contra os lugares de paquera homossexual por bandos de soldados nas cidades de guarnição, ou por bandos de jovens vindos de subúrbios, mas também maus-tratos e estupros nos quartéis, nas prisões...) (ERIBON, 2008, p. 127).

A vivência da homossexualidade constitui-se assim, no olhar de seus ‘perseguidores’, como uma renúncia da virilidade que o ‘ser homem com H’ (e não com ‘h’, de alguém que esmoreceu e sucumbiu à inferioridade) lhe impunha; cujas consequências seriam a expulsão do círculo de amigos (o que o aproximaria do ‘círculo das meninas’, as quais passa a ser ‘assemelhado’: ‘quem abre mão de viver a masculinidade, feminino – inferior – se torna’), em um quadro em que a "solidão e o recuo sobre si" recaem (ERIBON, 2008, p. 128-129).

Sob outra perspectiva, a do *queer studies*, Elaine Borges Berutti salienta um fato histórico importante: a partir de 1960, os debates sobre diversidade sexual e de gênero surgem e ganham corpo nos Estados Unidos. *Stonewall Inn*, em 1969, protagonizou um fato definidor nessa trajetória. A crise decorrente da grande ocorrência inicial de Aids entre os gays, nos anos 1980, também intensificou o movimento reivindicatório.

Diante desse cenário, é na pena de João Bôsko Hora Gois que se vai buscar certas particularidades do contexto nacional: se, por um lado, a Medicina no século XIX já se ocupara dos ‘pederastas’ e ‘viragos’; passaram-se muitas décadas até que, nos anos 1980, destacaram-se movimentos reivindicatórios colocando em pauta interesses dos homossexuais. Era tempo de democratização e, no lastro das lutas contra a ditadura militar, ressoavam ainda as discussões desenvolvidas nos anos 1970, quando:

abandonando a busca das “origens” ou das “causas” da homossexualidade e das suas supostas consequências maléficas, partiu-se para uma reflexão sobre a construção social dos significados a ela associados e das dificuldades apresentadas pelos homossexuais na sociedade brasileira. Outrossim, buscou-se também analisar as estratégias individuais e coletivas voltadas à superação da opressão por eles enfrentadas (GOIS, 2003, p. 8).

A última década do século XX, por sua vez, assistiu não somente à mobilização em torno das abordagens relacionadas à Aids - clima que a sociedade norte-americana vivera 10 anos antes -, mas também à mobilização pela redefinição de termos cujo uso social parecia já consolidado, assim como a emergência de ‘outras formas de dizer’, na tentativa de fazer a linguagem melhor expressar questões referentes a vivências diferentes da heterossexual. Assim, a palavra ‘homossexualidade’ foi questionada; já ‘homoerotismo’, ‘homoafetividade’ e ‘homocultura’ entraram em voga, mostrando o



"esforço de instituição de um novo cânone" (GOIS, 2003), considerando a vitalidade dos novos estudos, atrelados à teoria *queer*, bem como o caráter interdisciplinar das discussões travadas.

Elaine Berutti enfatiza que “questionar o sistema binário de sexo e de gênero é fundamental para possibilitar a cidadania de gays, lésbicas, transgenders” (BERUTTI, 2010, p. 16). Em seu entendimento, só há as chamadas ‘minorias sexuais’ por que há um *mainstream* heterossexual (BERUTTI, 2010, p. 19). Ela lembra que gays e lésbicas sofrem discriminação não só por parte de quem lhe é ‘estranho’, no amplo contexto social, mas também na vida familiar e pessoal. Reitera-se, assim, a crença de “que as tradições literárias mundiais, assim como as sociedades, têm sido exclusivamente heterossexuais” (BERUTTI, 2010, p. 17).

A autora, contudo, comenta que a fala de gays e lésbicas encontra um lugar. É essa visibilidade que é demonstrada quando a ‘incômoda’ ação dos movimentos sociais vinculados à luta LGBTTIQI – *Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, Transexual, Queer and Intersexual* - aponta a necessidade de implementação de políticas antissexistas nas instituições escolares. A intensa reação negativa, tendente a paralisar essas iniciativas, fundamenta-se em argumentos que ‘normalizam’ a heterossexualidade e enxergam-nas como ações que, caso se concretizem, ‘corromperão’ a infância e a juventude ao ‘incentivarem’ o que só pode ser, excepcionalmente, assumido e nunca ser identificado como vivência comum, entre tantas outras expressões humanas possíveis, considerando-se a não binaridade dos gêneros e da sexualidade.

Contrariando a ideia da existência de uma heterossexualidade humana ‘de berço’, Eliane Berutti (2010, p. 19), assim como Tamsin Spargo (2006), não perde de vista que o século XIX foi uma espécie de ponto de partida para esse desenfreado preconceito contra condutas sexuais que nunca couberam no padrão heteronormativo.

John Boswell, em *Christianity, social tolerance and homosexuality*, é um historiador americano que, lembrado por Berutti, ratifica o quanto conhecidas personalidades como Ovídio, Adriano, Júlio César e Ricardo Coração de Leão sofreriam retaliações hoje se assumissem suas condutas sexuais, ‘normais’ para o tempo e lugar em que viveram, enquadradas, atualmente, como ‘perversão’, ‘anormalidade’ e ‘doença’ (BERUTTI, 2010, p. 17-18).

Aliando ‘identidade de gênero’ e ‘identidade sexual’ nessa reflexão, o trabalho de Will Roscoe é também comentado (BERUTTI, 2010, p. 75). Seu estudo sobre os *two-spirit* (‘dois espíritos’) – exemplos de *cross-genders*, pessoas que não vivem sobre o binarismo homem-mulher



– mostra que há habitantes que assim se assumem em cerca de 150 tribos norte-americanas, podendo ser identificados por uma tripla característica: ‘especialização produtiva’, envolvendo tarefas, como o trabalho doméstico e o artesanato, que são de responsabilidade masculina e outras, como guerrear e caçar, ações que cabem às mulheres; ‘aprovação sobrenatural’: *two-spirit* atuam como xamãs, tendo o dom da cura por serem abençoados por Deus; ‘variação de gênero’, fazendo referência a homens e mulheres que podem ser *two-spirits* e praticam abertamente sexo com pessoas do mesmo sexo, sexo oposto ou de ambos os sexos.

Para a pessoa assombrada pela possibilidade de mudança dos referenciais até então predominantes – cuja predominância, convém ressaltar, fora conquistada a custo de um longo trabalho em diferentes aspectos que compõem a sociabilidade humana -, ao invés de lembranças como essas fazerem remissão ao quão ‘não natural’ é a heterossexualidade; ao invés de fazer refletir sobre sua histórica criação e valorização social; são entendidas como exemplos de como ‘evoluiu-se’, deixando para trás comportamentos ‘equivocados’. ‘Evolução’ que, pela lente heterossexual, pode ainda não ter sido alcançada por todos, mas que, indubitavelmente, é a ‘meta’.

Homofobia (medo em relação à homossexualidade), a transfobia (medo em relação as pessoas *trans*) e etnocentrismo juntar-se-iam para defender esse ponto de vista. Por sua vez, o ideal reprodutivo e a possibilidade de vivência da maternidade e da paternidade entre um casal heterossexual é um contra-argumento a que muito se recorre na defesa da ‘normalidade heterossexual’ *versus* a ‘aberração homossexual’ ou da ‘aberração’ que outras identidades de gênero representam.

No contexto do tema em estudo, esses medos avolumam-se: o fato de os *cross-genders* terem organizado seu cotidiano sob outros referenciais só endossa os temores de que se ‘homens e mulheres’ embaralharem suas atribuições, suas tarefas, um circulando no mundo do outro, ‘não pode acabar em algo bom’, em que ‘o pior’ é a não assunção ao ideal heteronormativo, tão bem representado pela heterossexualidade, embora nela não se esgote.

Com efeito, alertas sobre a premência de cada um permanecer no ‘seu lugar’ consistem, para alguns, na própria defesa de uma sociedade ‘ordenada’. Em se tratando dessa noção de ‘ordem’, é interessante ver, por exemplo, o quanto para Mosse era corrente o julgamento de que “os intrusos [ciganos, homossexuais, homens afeminados, mulheres masculinizadas, judeus, loucos, criminosos e vadios] eram incapazes de formar uma comunidade, uma sociedade assentada” (MOSSE, 2000, p. 88).



O segundo aspecto que convém mencionar é que “ser homossexual [não] é tudo igual” (ERIBON, 2008; BERUTTI, 2010, p. 22-23). Remetendo-se à “socialização na família, na escola, a relação com as profissões e, é claro, com a sexualidade e a construção dos gêneros” (ERIBON, 2008, p. 22), as peculiaridades impõem a necessidade de distintas conotações analíticas.

Eliane Berutti relembra, ilustrando essas diferenças, que “se o estigma dos gays tem sido o de anormalidade e de perversão, o das lésbicas tem sido o da invisibilidade” (BERUTTI, 2010, p. 21). Não descuida também da interface sexualidade-gênero ao referir-se às *butch and femme*, “casal de lésbicas em que a primeira expressa seu gênero de forma masculina, e a segunda, de forma feminina” (BERUTTI, 2010, p. 25).<sup>2</sup>

A título de exemplificação, no âmbito do estudo das masculinidades, cabe observar que:

Quanto aos gays, o conceito também mais veiculado diz respeito à genitalidade. [...] A identidade gay abriu espaço para a sugestão do aparecimento de um terceiro sexo e gênero; em contrapartida, também, já foi questionado até que ponto não se tratava de mera imitação da ausência, no caso, da ausência feminina. Qualquer que seja o conceito ou a definição a ser utilizada, [...] os gays ajudaram na desconstrução da imagem do homem machista e dito “heterossexual”, assim como na construção de uma nova imagem de masculinidade (BERUTTI, 2010, p. 64-65).

George Mosse confirma o quanto as ‘antíteses’ do ‘Homem Moderno Ideal’ foram ainda mais estigmatizadas ao longo dos séculos XVIII e XIX - fato que já ocorria durante a Idade Média -: ciganos, ‘vagabundos’, judeus, criminosos comuns, loucos e os ‘desviados sexuais’ depunham contra o *standard* da masculinidade - um tipo “belo, vigoroso, honrado, perfeito” - que a Modernidade se encarregara de refinar os contornos e consolidar. “Para aqueles assim marginalizados [com o contributo da Medicina e da Antropologia], a busca de uma identidade era tarefa difícil e dolorosa” (MOSSE, 2000, p. 69; 88).

Práticas como a masturbação e conjunto de vivências como a homossexualidade foram consideradas ‘enfermidades debilitatórias’, assim como a loucura (MOSSE, 2000, p. 73). Era crença corrente que “a masturbação se via como a chave que abria a porta da prática da homossexualidade” (MOSSE, 2000, p. 118), já que, tidas como ‘doenças da mente e do corpo’, supunha-se que tais enfermidades interagiam, gerando uma reação em cadeia, em que uma levava a outra e a outros males excedentes: “a masturbação, segundo Tissot, foi acompanhada de dor

---

2 Ainda que os gays exerçam a liderança na denúncia dos sofrimentos impingidos por comportamentos homofóbicos nos Estados Unidos, Eliane Berutti não perde de vista as dissensões existentes entre esses e as lésbicas, para as quais os gays, de certa forma, também fazem parte do *mainstream*. Em um clima de troca de acusações recíprocas, “As lésbicas [...] se consideram parte de uma minoria que luta por afirmação social e política” (BERUTTI, 2010, p. 24).



corporal real de algum tipo, como dores de cabeça, de estômago e reumatismo", além de afetar "os nervos" (MOSSE, 2000, p. 73-74).

Com os nervos à flor da pele, com a imaginação aguçada, todo tipo de desregramento era possível ao homem. "Se pensava que o instinto mais forte era o sexual" (MOSSE, 2000, p. 75). Por isso, Christian Gotthelf Salzmann, educador alemão, já pregara, em 1787, contra esses "distúrbios do corpo que conduziam a uma imaginação febril que deveria ser mantida sob controle mediante o reforço do físico humano" (MOSSE, 2000, p. 75).

O autor comenta que "os intrusos eram constantemente homogeneizados, agrupados em uma irmandade diabólica que desafiava a norma" (MOSSE, 2000, p. 80). Contudo, o homem pouco masculino e o sodomita carregavam o fardo mais pesado por "ter transgredido as barreiras de gênero" ou assumido uma "identidade sexual" diferente do padrão heterossexual. Com uma clara demarcação entre os sexos, "borrar a divisão entre eles parecia conjurar o espectro da anarquia. A homossexualidade, ou a sodomia, como ela se conhecia então, resultava ameaçadora [...]. O medo da sodomia e a catástrofe iam unidos" (MOSSE, 2000, p. 81).

Sob os auspícios da obra de Cesare Lombroso, investigavam-se pistas dessa 'doença' no corpo: a descrição do corpo do historiador homossexual Johannes von Müller, elaborada em 1810, deveria, assim, "comprovar sua feiúra" e seu comprometimento. Apesar de ser representado com boa altura, "a parte superior de seu corpo permaneceu pequena. Seu nariz e sua face transmitiam força e ousadia, mas os olhos pareciam nublados e a parte baixa de seu rosto era a de um jovem imaturo" (MOSSE, 2000, p. 82). 'Homossexual', ele não poderia ser um belo homem, normal, íntegro.

Não obstante as muitas nuances do debate sobre a luta no âmbito da diversidade de gênero e sexual, vale assinalar problemáticas que afligem as pessoas que se descobrem à margem do discurso heteronormativo.

A validade jurídica da união civil entre pessoas do mesmo sexo, tal qual se reconhece a união heterossexual, é uma dessas trincheiras de luta como a reflexão de Eribon permite antever, quando sugere evitar dissensões entre os homossexuais em torno do tema:

me parece que se deveria evitar opor os *gays* ligados a um modo de vida fora de todo reconhecimento institucional e até jurídico [...] àqueles que preferem viver em casal e que aspiram a um registro pelo direito dessa união. Essa oposição [...] é uma das armadilhas mais perniciosas preparadas pelo discurso homófobo em sua versão liberal, que se serve do fato de que alguns não querem ouvir falar de casamento para recusar o direito àqueles que desejam poder ter acesso a ele. [...] Primeiramente, a reivindicação do casamento "*gay*" não exprime somente a aspiração, que seria o sinal de uma



abdição diante dos modos de vida heterossexuais, de certos homossexuais a entrar na instituiçõ matrimonial; ela traria também, caso se realizasse, uma mudança profunda na própria instituiçõ, que não poderia ser mais a mesma que antes, e isto ainda mais que, se os *gays* podem hoje reivindicar o direito de a ela ter acesso, é porque já não é mais o que era. É a dessacralizaçõ do casamento que torna possível a própria reivindicaçõ [...] (ERIBON, 2008, p. 55).

*Pari passu* às ‘comemorações’ por certos avanços nesse campo, Didier Eribon menciona a vivência de uma “melancolia especificamente homossexual” e a define como “um trabalho de luto jamais terminado” (ERIBON, 2008, p. 52-53) e que se assenta, para muitos/as, no distanciamento dos entes queridos, familiares com os quais deixa de ter contato e na perda do

sonho (às vezes inconfesso) de uma vida de família para eles mesmos [...] esforçando-se em criá-la tanto quanto possível, ao longo dos anos, instalando-se em casais duráveis e criando filhos (que podem ser oriundos de uma vida heterossexual anterior ou, para as mulheres, de uma inseminação alternativa, ou ainda, mais simplesmente, da intervenção mais 'natural' de um amigo) (ERIBON, 2008, p. 53).

Além da convivência familiar, a renúncia à vivência da pater/maternidade segue sendo comentada por Didier Eribon:

Podemos nos perguntar se não é nesse ponto sensível que reside um dos mais profundos fatores de 'sofrimento' psicológico entre os homossexuais dos dois sexos – a não ser que seja uma maneira de exprimir um sofrimento difuso e difícil de expressar de outra maneira que não fazendo referência a situações convencionais (ERIBON, 2008, p. 53-54).

Por certo, ‘casamento, vida comum em família e a chegada das crianças’ remetem diretamente a uma concepção de vida feliz heterossexual a qual alguns homossexuais valorizam. E, ainda que não se pretenda criticar ou erguer bandeira alegando que tais desejos seriam incoerência – por ser mais desafiador, mais glamouroso, dizer-se ‘alheio a quaisquer modelos’ -, não deixa de contribuir com o debate sobre o que seria uma vida comum e em que medida ela se baliza com o que dita o padrão heteronormativo, da qual a vivência heterossexual faz parte.

Tende-se a admitir que, a despeito de quaisquer apropriações históricas de tal ou qual vivência por este ou aquele padrão de vida, a todos os seres humanos deveria se admitir o direito de escolha e vivência do que lhe apraz. Assim, a negação de um ou outro anseio, apenas pelo fato de este estar vinculado ao dito padrão heteronormativo, para marcar um “ponto de vista”, quase como um “posicionamento político”, traria, da mesma forma, uma carga de insatisfação e angústia.

É com reflexão desse naipe em mente que Didier Eribon cita Judith Butler, - para a qual, “o que está rejeitado, e, portanto, perdido, está conservado como uma identificação rejeitada” (BUTLER, 1997, p. 137 *apud* ERIBON, 2008, p. 55) – na consideração da existência dessa “melancolia” que faz parte da constituição do “eu” que parece ser característica até mesmo de



quem, ao lidar com as repercussões da assunção da homossexualidade, decidiu não se esconder, assumindo uma forma de viver que se contrapõe ao sistema heteronormativo.

Pelo exposto, retomando o contexto da pesquisa realizada, pode-se então responder por que a atuação dos homens agentes auxiliares de creches pode incomodar tanto? Os relatos feitos ofereceram rico material para a compreensão do quão é importante, nessas instituições educacionais cariocas, a defesa das atividades e posturas que são próprias para quem “é homem” ou quem “é mulher”. Binômio de referência para a estruturação das práticas cotidianas e que deve sobressair como “ideal” nos embates que são travados para se delimitar, claramente, as fronteiras de gênero, ainda consideradas em sua dualidade.

Interpelações quanto à sexualidade desses homens que atuam na educação infantil (e de forma mais contundente no atendimento à faixa etária de 3 meses a 3 anos de idade) - um universo consolidado como “feminino”, desde o século XIX - , bem como o forte apelo para que dele se distanciem sob a alegação de que “isso não é trabalho para homem” demonstram o quanto, nessa dualidade, são feitos investimentos para que os parâmetros de feminilidade e masculinidade socialmente valorizados sejam reforçados.

Se, inicialmente, é a obra foucaultiana que norteia a reflexão sobre os discursos que circulam nesses territórios em que a educação e o cuidado com bebês e crianças convertem-se em desafio diário para as pessoas que neles atuam, é porque é fundamental refletir sobre a função do que vem sendo dito por diferentes sujeitos nesses cenários de prática educativa, do papel que tais discursos assumem já que são, claramente, valorizadores da heteronorma.

Às contribuições de Michel Foucault aliam-se outras obras que aprofundam a reflexão sobre como esses discursos se conformam como estratégia de resistência frente a mudanças que vem sendo pautadas por amplos segmentos sociais, nas quais o reconhecimento das identidades de gênero, rompendo com binarismos baseados no “masculino” e “feminino”, e o respeito à diversidade sexual fazem parte.

---

### Referências

BERUTTI, Elaine. *Gays, lésbicas, transgênders: o caminho do arco-íris na cultura norte-americana*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BUTLER, Judith. *The psychic life of power. Theories in Subjection*. Stanford (Califórnia): Stanford University Press, 1997.



- \_\_\_\_\_. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Tradução de Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- \_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 20 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010a.
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e punir*. Nascimento da prisão. Tradução Raquel Ramallete. 39 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GOIS, João Bôsko Hora. Desencantos: as relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil. *Revista Estudos Feministas*. v. 11, n. 1, p. 47-57, jan./jun. 2003. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2003000100021&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2003000100021&script=sci_arttext) > Acesso em 12 fev. 2012.
- GREEN, James Naylor. *Além do Carnaval*. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Tradução Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na Análise de Discurso: diálogos e duelos*. 3. ed. São Carlos: Ed. Claraluz, 2007.
- MOSSE, George. *La imagen del hombre: la creación de la moderna masculinidad*. Tradução de Rafael Heredero. Madrid: Talasa Ediciones, 2000.
- POL-DROIT, Roger (Org.). *Michel Foucault: entrevistas*. São Paulo: Graal, 2006.
- RIO DE JANEIRO. Lei Nº 3985, de 08 de abril de 2005. Cria no Quadro Permanente do Poder Executivo do Município do Rio de Janeiro a categoria funcional que menciona e dá outras providências. *Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, RJ.
- ROHDEN, Fabíola; CARRARA, Sérgio. O percurso da experiência Gênero e Diversidade na escola. In: RODHEN, Fabíola; ARAÚJO, Leila; BARRETO, Andreia (Orgs). *Os desafios da transversalidade em uma experiência de formação on line: curso Gênero e Diversidade na Escola*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2008. p. 9-27.
- SALEM, T. “Homem... já viu, né?”: representações sobre sexualidade e gênero entre homens de classe popular. In: HEILBRON, Maria Luiza (Org.). *Família e sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 156 p. p. 15-61.
- SPARGO, Tamsin. *Foucault e a Teoria Queer*. Tradução de Wladimir Freire. Rio de Janeiro: Pazulin; Juiz de Fora, UFJF, 2006.

